

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FILOSOFIA E OS PROJETOS INTERDISCIPLINARES: POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM

Solange Nery Alves¹
Joelson Alves Onofre²

RESUMO: O artigo é um convite à reflexão acerca do estágio supervisionado em Filosofia e sua relação com a proposta dos projetos interdisciplinares como possibilidade de aprendizagem no âmbito do ensino médio. A partir da literatura pertinente, são tecidas considerações sobre a experiência do estágio supervisionado na perspectiva dos projetos filosóficos, discorrendo a respeito das propostas pedagógicas que possam congregiar outras áreas do conhecimento. Acreditamos que o trabalho interdisciplinar a partir da experiência do estágio, pode oportunizar aprendizados significativos no que tange o campo da filosofia, especialmente na educação básica.

Palavras-Chave: Ensino; Estágio; Filosofia; Interdisciplinaridade.

Introdução

O presente texto discute a importância do estágio como processo formativo e identitário para a carreira docente, fundamental para a constituição do ser profissional do estudante de Filosofia. A partir de uma incursão teórica sobre o estágio supervisionado em Filosofia, são tecidas considerações concernentes às experiências deste na perspectiva dos projetos filosóficos interdisciplinares. Os autores advogam, a partir das discussões teóricas realizadas na disciplina *Estágio Supervisionado II*, oferecida no curso de licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), ser plenamente possível realizar um trabalho interdisciplinar que alie teoria e prática.

Iniciamos a discussão adotando o conceito de estágio como campo de formação do futuro profissional da educação na perspectiva da teoria e da prática como também enquanto espaço para a pesquisa e o trabalho interdisciplinar. Concordamos com Abreu (2014) quando afirma que o estágio permite a superação do conhecido debate teoria versus prática, além de possibilitar ao estagiário uma atitude investigativa, onde se prevê uma reflexão da própria ação e, conseqüentemente, poder intervir em situações de aprendizagem. Acreditamos que o estágio é o momento de se explicitar os conceitos de prática e teoria, ou seja, há de se superar uma concepção fragmentada e compreender o estágio como atitude investigativa, onde se espera dos estudantes uma postura reflexiva

¹ Graduanda em Filosofia (UEFS). Membro do Grupo de Pesquisa em Filosofia Medieval (UEFS). E-mail: solneryalves@hotmail.com

² Possui Licenciatura em Filosofia (UESC), Especialização em Educação e Relações Étnico-raciais (UESC), Mestrado em Educação (UFBA). Atualmente é Professor de Filosofia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: jaonofrecp@yahoo.com.br; jaonofrecp@yahoo.com.br

e de intervenção na realidade escolar. Com isso, concordamos que teoria e prática são indissociáveis, haja vista que nossa defesa se constrói a partir da análise do estágio como propiciador de ricas aprendizagens e, portanto, deve ser compreendido como fundamental para a formação docente.

É sabido que o estágio é imprescindível na formação de todo estudante em processo de formação profissional, pois é o caminho principal para associar a teoria e a prática. É o momento onde se começa a assimilar o que se discute na teoria, lançando um olhar investigativo em relação à sala de aula. Ganham-se experiências, ressaltando-se que essas experiências se adquirem na prática e permitem ao acadêmico, vivenciar o cotidiano da profissão escolhida. Por isso, os estudos mais recentes têm apontado para uma discussão a respeito da identidade docente e da construção do ser professor (D'ÁVILA, 2014; ABREU, 2014; GATTI, 2013).

Faz-se necessário vencer os equívocos relacionados ao estágio compreendido a partir de uma visão estagnada, onde as concepções de teoria e prática ainda dão margem à interpretações derivadas de um entendimento voltado à fragmentação desses dois elementos constitutivos da formação do professor. Pimenta e Lima (2006, p. 7) sugerem que compreendamos a superação da fragmentação entre teoria e prática a partir do conceito de práxis. Assim, o estágio encarado como atitude investigativa é, em sua essência, reflexão, ação, pesquisa e mudança.

Ainda nessa perspectiva, as pesquisadoras apontam para a importância de traduzirmos a realidade do estágio como teoria e prática, pois quando esse exercício reflexivo não é efetivamente amadurecido, caímos na ideia de separação entre teoria e prática, que para as autoras empobrece as práticas nas escolas.

O reducionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental e do criticismo, como anteriormente apresentadas expõe os problemas na formação profissional docente. A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de se explicitar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática) (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 11)

Conhecer o espaço escolar é de grande importância para o estudante de Filosofia, bem como as relações estabelecidas entre os sujeitos da escola. A articulação teoria-prática-teoria e as discussões sobre as aulas planejadas e ministradas no estágio geram diferentes níveis de responsabilidade e, somadas a uma boa qualidade técnica, desenvolve no aluno a inquietação pela busca do conhecimento.

O estágio supervisionado em Filosofia se constitui em momento de troca de experiências e, ao mesmo tempo, oportuniza ao estudante uma aproximação com os desafios oriundos do cotidiano escolar. Inferimos ser fundamental a imersão dos estagiários neste contexto, haja vista que é justamente nele onde a aprendizagem acerca

da profissão docente ocorre. Embora saibamos das dificuldades no decorrer do processo de estágio, a experiência adquirida possibilita aos discentes aprofundarem a teoria a partir das práticas em sala de aula.

Especificamente, no caso do estágio em Filosofia, temos percebido, a partir da condução da disciplina, juntamente com os alunos da graduação em Filosofia, uma certa insegurança no que diz respeito às metodologias e didáticas concernentes aos conteúdos a serem trabalhados com os alunos do ensino médio. Há uma evidente preocupação em relação, por exemplo, aos assuntos abordados nessa etapa de ensino. Para uma significativa aprendizagem e, por conseguinte, uma construção de saberes no campo filosófico, os futuros professores de Filosofia deverão saber articular conhecimentos de Filosofia e temáticas que se aproximam do cotidiano dos alunos.

Metodologicamente, esse caminho tem surtido efeito, embora não afirmemos veementemente que todos os alunos aprendam da mesma maneira. Entretanto, sabemos que para ensinar Filosofia no ensino médio há de se considerar as especificidades desta etapa de ensino, sobretudo a partir de conteúdos que aliem conhecimentos de História da Filosofia, relacionando-os com temas próximos à realidade dos discentes. Temos constatado, por meio de leituras acerca do estágio supervisionado em Filosofia, que a relação entre História da Filosofia e temas do cotidiano tem apresentado uma significativa aceitação por parte dos discentes, oportunizando ao docente repensar sua metodologia de ensino em Filosofia.

Obviamente que não estamos considerando tal experiência como única forma de trabalhar os conteúdos de Filosofia no ensino médio. Trata-se de uma possibilidade, haja vista os pesquisadores apontarem os benefícios no campo da aprendizagem, advindos da relação entre tradição filosófica e temas cotidianos.

O estágio e a aplicação de projetos filosóficos: a teoria na prática e a prática na teoria

Quando se elabora um projeto, pensamos logo em sua possível aplicação. Tendo em mente o objetivo a ser alcançado, as metas a serem atingidas, o público alvo, o projeto pode galgar o caminho do sucesso. Analisando dessa maneira, pode-se perguntar: qualquer projeto é viável de aplicabilidade? Depende. Em se tratando de interdisciplinaridade, que é o tema de nosso artigo, encontramos alguns entraves.

Consideramos o caminho interdisciplinar extremamente necessário e porque não dizer prioritário, uma vez que o educando, conhecendo as inúmeras formas de trabalho e objetos de estudo de outras disciplinas, certamente conseguirá transpor o conhecimento que construiu para sua realidade social. A definição de interdisciplinaridade na formação de professores trazida por Fazenda (2008) nos aponta uma possibilidade de pensá-la

como atitude de ousadia em relação ao conhecimento, conforme destaca a autora. Na formação dos futuros professores de Filosofia, a interdisciplinaridade deve ser compreendida no sentido de saberes que possam ser congregados e, ao mesmo tempo, desafiados, pois como advoga a pesquisadora, tal compreensão envolve diversos aspectos e um deles está relacionado à cultura e como se dá a formação do professor. Vejamos:

Se definirmos interdisciplinaridade como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação de sua grade. Porém se definirmos interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores. Assim, na medida em que ampliamos a análise do campo conceitual da interdisciplinaridade surge a possibilidade de explicitação de seu espectro epistemológico e praxeológico. Somente então, torna-se possível falar sobre o professor e sua formação, e dessa forma no que se refere às disciplinas e currículos. Reportamo-nos à questão: como a interdisciplinaridade se define quando a intensão é formar professores? (FAZENDA, 2008, p. 93-94).

Neste sentido, o discente e futuro professor de Filosofia terá como norte a interdisciplinaridade em seu trabalho de sala de aula, não compreendendo-a simplesmente como junção de conteúdos desarticulados, mas sim, como uma possibilidade criativa e articuladora, onde os saberes das diversas disciplinas possam ser contemplados numa proposta agregadora, principalmente no que tange ao ensino de Filosofia.

A disciplina de Filosofia, neste sentido, desempenha papel extremamente importante. Em se tratando de conhecer, o estágio supervisionado torna-se um período verdadeiramente promissor, pois possibilita o confronto entre teoria e prática. Com ele, adquire-se a oportunidade de experienciar a realidade concreta de uma sala de aula. Essa indispensável trajetória deve ser encarada com muita maturidade, aliando o conhecimento teórico com a prática filosófica. O estágio supervisionado transforma-se, assim, em momento profícuo de aprendizagem e, portanto, de identificação com a carreira docente. É na formação inicial que os saberes são mobilizados a partir das experiências oriundas do estágio. Esses saberes são o fundamento e a essência da identidade profissional docente (D'ÁVILA, 2014).

O estágio é o momento de vivenciar experiências construtivas e inovadoras. Esse período possibilita a relação entre a prática e a teoria. Para alguns graduandos, torna-se uma verdadeira “metamorfose” filosófica. Tudo o que se aprendeu na universidade agora será adequado à prática docente e analisado a partir do cotidiano escolar. Eis um desafio que tira o “sono” de muitos estudantes de Filosofia que percorrem esse caminho. De certo, a teoria será uma forte aliada nessa importante viagem do saber-fazer, mas o que demonstra inquietação é a devida importância que muitos discentes não dão a esse período tão promissor na constituição da carreira docente.

A importância do estágio deve-se ao fato de que, por meio dele, alcança-se um aprimoramento docente a partir do momento em que aplicamos projetos voltados para a realidade da unidade escolar e principalmente dos estudantes. O estágio em Filosofia, potencialmente, possibilita uma estreita relação com a escola, permitindo um trabalho interdisciplinar, trazendo para a discussão assuntos do cotidiano dos alunos numa vertente filosófica.

Dito isto, a escola é considerada o *locus* privilegiado onde o estagiário mobilizará saberes a fim de utilizá-los nas atividades propostas, relacionando tais saberes com as descobertas em campo. Ademais, o estagiário encontra-se em processo formativo e deverá, a partir dos saberes adquiridos, realizar um exercício constante de reflexão-ação, ação-reflexão. Essa dinâmica confere a ele autonomia para enfrentar os dilemas e desafios encontrados no campo do estágio. Como afirma D'Ávila (2014, p. 20):

A partir do momento em que o aluno se dirige à escola para, tateante, fazer suas primeiras observações, ele já se envolve ou pelo menos vislumbra as relações tecidas no início de um processo desencadeador de uma identidade profissional. É o *locus* por excelência onde deve mobilizar os saberes da profissão, sobretudo os saberes pedagógicos e didáticos atinentes do processo de ensino.

A teoria aliada à prática docente mostra-nos que é possível construir uma caminhada promissora quando o assunto é a aplicação de um projeto filosófico. Dependendo do olhar e da abertura para mudanças, o projeto torna-se um referencial, tanto para alunos quanto para professores. O que temos visto é uma pouca preocupação em trabalhar nas escolas públicas uma Filosofia que contemple o senso crítico e o agir reflexivo. Não nos referimos a “filosofias” que são ensinadas sem nenhum critério e metodologia, sem base até mesmo filosófica e argumentativa, mas uma Filosofia que faça do estudante um ser “pensante”, que consiga transpor as paredes do “dogmatismo” e das ideologias reinantes, uma Filosofia que transforme a maneira de ver dos educandos, proporcionando um espaço dinâmico e porque não, libertador. Quem sabe consigamos “deletar” do imaginário popular a errônea ideia de que a Filosofia não contribui para nada. Aos estagiários que se preocupam com o futuro profissional, assim como da própria Filosofia, no contexto do educar para o pensar, caberá também a responsabilidade de não permitir que se atribua à Filosofia estereótipos que a perseguem e desvirtuam sua identidade.

Salientamos a importância da aplicação de projetos filosóficos no período do estágio supervisionado, pois estes, na prática, conseguem discutir Filosofia e realidade social, trazendo para o cotidiano escolar, temas relevantes que necessitam de uma abordagem filosófica. Acreditamos, portanto, ser fundamental uma proposta interdisciplinar que contemple as variadas maneiras de se trabalhar tais projetos, priorizando as especificidades de cada aluno, a realidade escolar e os objetivos a serem alcançados.

Interdisciplinaridade: diálogo frutuoso

Ao discutirmos a questão da interdisciplinaridade na educação, não há como tratá-la a não ser no âmbito do diálogo com as demais ciências. Segundo Jantschi e Bianchetti (1995, p. 25), “o campo educativo constitui-se, enquanto objeto da produção do conhecimento e enquanto prática docente de socialização do conhecimento”. Em se tratando da necessidade da interdisciplinaridade, os autores apontam para a própria forma de o homem produzir-se e produzir conhecimento e afirmam que:

[...] o caráter necessário do trabalho interdisciplinar na produção e na socialização do conhecimento no campo das ciências sociais e no campo educativo que se desenvolve no seu bojo não decorre de uma arbitrariedade racional e abstrata. Decorre da própria forma de o homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social (JANTSCHI; BIANCHETTI, 1995, p. 26).

O homem é sujeito e objeto do conhecimento social. É capaz de produzir conhecimento e socializá-lo no campo das várias ciências. Em concordância com os autores acima, não consideramos arbitrária e abstrata essa socialização do conhecimento. Afirmamos ser fundamental o estabelecimento de um diálogo frutuoso com as demais áreas do saber, isto é, explorando potencialidades e habilidades dos educandos, fazendo a transposição dessas qualidades para a própria disciplina de Filosofia. A Filosofia se encarrega de elaborar esse construto e colocá-lo em prática, utilizando as competências dos educandos, fazendo com que os mesmos consigam transferir para as demais ciências o saber filosófico construído.

O trabalho interdisciplinar deve constituir-se em uma etapa efetiva de inserção e interação dos educandos com a realidade social, sem perder de vista as inúmeras facetas e dificuldades apresentadas no processo de aprendizagem. A interdisciplinaridade deve ser o foco e o eixo privilegiado em toda formação, elaboração e execução curricular, destacando-se os conhecimentos filosóficos e o modo como devem ser tratados, conforme indicado, expressamente na Resolução 03/98, a saber, na alínea b do Artigo 10 dos Parâmetros Curriculares Nacionais: “As propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para os conhecimentos de Filosofia” (BRASIL, 2000, p. 46). É tarefa do professor, provocar os alunos a ampliar seu universo, atentando para a formação de verdadeiros cidadãos, com uma visão de coletividade permitindo integrar os elementos da cultura na busca de uma identidade autônoma e agindo responsavelmente, tanto em relação à natureza quanto em relação à sociedade.

A opção pela interdisciplinaridade nos leva a perceber que não se trata de uma tentativa de se estabelecer conexões primárias entre as disciplinas. Ela deve conduzir-nos

a uma percepção da inter-relação entre as expressões da realidade. A educação permitirá aos alunos que eles se tornem aptos a fazer as inter-relações entre as disciplinas, nunca perdendo o fio condutor da visão totalizante. Em se tratando das competências e habilidades a serem desenvolvidas em Filosofia, tanto pelo docente quanto pelos educandos, o percurso dialógico interdisciplinar contextualizará conhecimentos filosóficos, no plano de sua origem específica, assim como em outros planos: o pessoal, o sócio-político, histórico, cultural, apontando para o horizonte da sociedade científico-tecnológica.

Dar sentido ao conhecimento, por parte dos alunos, é também estabelecer relações com sua vida e a sociedade. Tais relações permitirão a construção de uma base cultural que relacione os diferentes conteúdos curriculares, aproximando-os da cultura. Para Tomazetti (2002, p. 72), “o desenvolvimento da disciplina Filosofia enquanto um pensar e repensar da cultura, depende, em grande parte, das outras disciplinas, que formam a base cultural da escola”. Para tanto, analisamos e apontamos como caráter emergencial uma discussão pautada no diálogo entre as disciplinas e a valorização do universo cultural dos alunos, priorizando aquilo que de melhor as outras ciências têm a oferecer, fazendo um paralelo entre as mesmas e apontando caminhos que possam ajudar nesse itinerário dialógico.

Considerações Finais

A nosso ver, o estágio deve ser encarado como experiência significativa e de fundamental importância no quesito da formação docente. O contato com a realidade das escolas apresenta para os futuros professores, meios e possibilidades de ampliação de um repertório teórico, bem como os desafia a repensar a prática pedagógica. Assim, o estágio em Filosofia é o momento oportuno para que os alunos acessem conhecimentos que transcendam a sala de aula e com isso possam articular teoria e prática. Essa relação possibilita um saber reflexivo em torno dos conteúdos apreendidos durante o período de estágio. Repensar o papel do estágio na formação docente, exige-nos pensar nos itinerários formativos dos alunos, suas limitações e dificuldades.

A ideia da realização de projetos interdisciplinares nas escolas, a partir da experiência do estágio em Filosofia, contribui para que o estagiário possa realizar um trabalho, aliando teoria e prática. Acreditamos que a experiência do estágio não se resume apenas à sala de aula. Quando pensamos em estágio o concebemos para além da mera burocracia de cumprimento de carga horária, relatórios, fichas de frequência etc. Compreendemos essa etapa como uma formação contínua e, portanto, deve ser experienciada em toda sua inteireza, haja vista tratar-se de um dos momentos mais

significativos na vida dos estagiários em processo de descobertas, desafios e perspectivas em relação à carreira profissional docente.

Considerando os constantes debates e as pertinentes discussões a respeito da interdisciplinaridade no contexto escolar, o presente artigo pretendeu conduzir o leitor para refletir e elaborar conclusões. Sendo assim, objetivou ser uma contribuição no processo de discernimento, na busca do conhecimento e na prática pedagógica de tantos formandos que procuram aprimorar sua didática e sua concepção filosófica de mundo. Que a proposta do “educar para o pensar” se torne uma realidade, conduzindo-nos a refletir criteriosamente sobre nossas posturas, habilidades e competências como futuros professores de Filosofia.

Referências

ABREU, R. M. de A. O estágio supervisionado como possibilidade de pesquisa na formação de educadores. In: D'ÁVILA, C. M.; ABREU, R. M. de A. (Orgs.). **O estágio curricular supervisionado na formação de professores e pedagogos: entre a realidade e o devir**. Curitiba: CRV, 2014, p. 31-40.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.

D'ÁVILA, C. M. Implicações do estágio curricular supervisionado sobre identidade profissional docente. In: D'ÁVILA, C. M.; ABREU, R. M. de A. (Orgs.). **O estágio curricular supervisionado na formação de professores e pedagogos: entre a realidade e o devir**. Curitiba: CRV, 2014, p. 17-29.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. **Ideação**, v. 10, n. 1, p. 93-103, 1º semestre de 2008.

GATTI, B. A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013.

JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI (Org.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, v. 3, Números 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

TOMAZETTI, E. M. Filosofia no ensino médio e seu professor: algumas reflexões. **Educação**, v. 27, n. 02, 2002. p. 69-75. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/4454/2632>>. Acesso em: 21 mar. 2016.